



## Como está o Brasil?

O debate levantado pela série toca em questões legais. A polícia invade a casa do personagem principal, que é preso enquanto dormia. Embora haja quem defenda, no Brasil, adolescentes não podem ser presos.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em casos de infrações, pessoas com menos de 18 anos são apreendidas e

encaminhadas a medidas socioeducativas. O objetivo é responsabilizar sem abrir mão da proteção integral, um dos pontos cruciais da nova Política Nacional Integrada da Primeira Infância, recentemente sancionada pelo governo federal.

Segundo o último levantamento nacional de segurança pública, cerca de 60 mil adolescentes cumprem medidas

socioeducativas. Dos quais 20 mil estão internados e, os demais, em regime semi-aberto. No Distrito Federal, eram aproximadamente 710 jovens em 2022. Diferentemente da série, onde o personagem principal é um menino branco com recursos, no Brasil, a maioria é formada por meninos negros, de famílias com renda de até três salários mínimos.



Ed Alves CB/DA Press

Divulgação / Netflix



## O papel da família

Na casa da família Paniago, moradora de Águas Claras, o tema telas e redes sociais é tratado com diálogo. Erick e Roberta são pais de Luiza, de 18 anos, Maurício, 14, e Henrique, 8. “Cada um tem uma relação diferente com a tecnologia. A mais velha usa para estudos, o do meio busca entretenimento e conversa com amigos nas redes, e o mais novo ainda não tem acesso a celular nem redes sociais”, explica o pai.

Roberta acrescenta que a família segue uma rotina com limites de horas por dia para TV e videogame, sempre condicionada às responsabilidades

escolares e domésticas. “Isso ajuda a equilibrar lazer e deveres”, diz a mãe.

A confiança, segundo eles, veio do diálogo. “Antes de monitorar, nossa prioridade sempre foi conversar sobre os riscos e a conduta correta. A confiança surgiu desse processo”, diz Erick. “O monitoramento existe, mas é sutil e feito com respeito à individualidade de cada um”, completa Roberta.

### Cyberbullying

Luiza, a filha mais velha da família Paniago, é estudante de psicologia e acompanhou a

série. “O que mais me impressionou foi a transformação do protagonista e a dor da família diante da prisão. Além disso, achei muito precisa a forma como retratou o cyberbullying. No Brasil, isso é ainda mais explícito, porque o discurso de ódio acontece de forma aberta, sem filtros ou punições”, afirma a jovem.

Para a primogênita, as redes sociais podem ser aliadas ou vilãs. “Elas aproximam pessoas e podem disseminar informação, mas, sem supervisão, tornam-se ambientes perigosos. Podem destruir a autoestima de alguém em

segundos. É essencial que os pais ajustem classificações etárias e evitem que crianças pequenas usem redes sociais ou joguem on-line sem supervisão”, defende a mais velha.

Entre a escola, o quarto e a internet, a adolescência contemporânea é atravessada por desafios inéditos e também por possibilidades de aprendizado e diálogo. Para especialistas, não se trata de demonizar as telas ou as redes sociais, mas de reconhecer o universo em que os jovens vivem e criar pontes de confiança.

A pediatra Ana Escobar reforça que as crianças e

**A série, que trata da detenção de um adolescente, dominou as discussões quando foi lançada**

adolescentes precisam sentir que a família é um porto seguro. “Se houver uma tempestade lá fora, ele tem onde aportar. Quando se sente apoiado, busca menos riscos e encontra mais tranquilidade e felicidade.”

Hugo Monteiro complementa que esse porto seguro depende da presença intencional dos adultos. “O quarto pode ser refúgio ou prisão. Quando há diálogo, ele representa autonomia. Mas quando os vínculos se rompem, o adolescente enfrenta sozinho conflitos que poderiam ser mediados em casa.”